

**cR**

Centro  
de Referência  
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo  
do Centro de Referência Paulo Freire**

**[acervo.paulofreire.org](http://acervo.paulofreire.org)**



InstitutoPauloFreire

18.64.08

## UM NOVO JEITO DE SER

Por uma pedagogia de novas relações entre homens e mulheres na sociedade.

Quando fui convidada a escrever algo para esta publicação, lembrei-me de duas intervenções de Paulo Freire em dois importantes eventos de educação.

A primeira foi em 1986, durante um encontro nacional sobre Educação Popular, na sede da UNIMEP em Piracicaba. Eram aproximadamente 700 educadores e educadoras ali reunidos, para discutir as grandes linhas da educação popular no Brasil. Minha pergunta, por escrito, que causou visível enervamento entre várias pessoas da platéia, era a seguinte: " Paulo, como você vê a questão das relações de dominação e opressão entre homens e mulheres em nossa sociedade?" A resposta foi: " Eu jamais teria escrito a Pedagogia do Oprimido se, ao mesmo tempo, eu me permitisse oprimir minhas filhas, minha esposa e as mulheres com quem trabalho. As mulheres estão certas em organizar-se e dizer o que tem que ser mudado em relação às opressões que hoje sofrem. E nós, educadores, precisamos entendelas, ouvi-las e acompanhar as mudanças que ocorrerão graças às suas iniciativas."

Por que uma pergunta tão óbvia de uma educadora para um mestre e educador poderia causar tanta reação? Acontece um número significativo das pessoas ali presentes era bastante representativo de uma "ala" da educação popular que pensava e atuava como se a classe trabalhadora e os setores populares pudessem ser pensados sem se pensar em sexo, nem cor, nem idade, nem religião, nem formação diferenciada.

Ao trabalhar a partir da ótica das mulheres, a pedagogia do oprimido necessariamente devia levantar questões sobre as várias contradições existentes na sociedade, que extrapolam as contradições das classes sociais. O movimento feminista trouxe isso às claras, ao desvendar a realidade da opressão do gênero feminino pelo gênero masculino como parte constitutiva da realidade social, em todas as classes sociais. Além

disso, a metodologia feminista desenvolvida através dos grupos de autoconsciência, por exemplo, contribuiu muito para que as mulheres trouxessem à tona as inúmeras variáveis desta opressão social sofrida pela mulher "por ser mulher".

Na verdade, poucos educadores e educadoras tomavam o tempo necessário para perceber uma grande diferença que existia entre dois fatos óbvios: o natural e o histórico. Por um lado, o fato natural que é o nascermos de sexos diferentes - o feminino e o masculino e o natural que seria aceitar as diferenças biológicas no respeito à igualdade enquanto seres humanos. Por outro lado, o fato histórico que fez com que homens e mulheres, ao longo de milênios, foram socialmente "construídos" diferentes por haver nascidos homem ou mulher, sempre com privilégios para os homens e situação de inferioridade para as mulheres. É a esta construção social que as feministas denominaram de Relações Sociais de Gênero, ou seja: as relações que historicamente foram construídas pela sociedade e que, portanto, podem mudar. E precisam ser mudadas para que homens e mulheres, enquanto seres humanos, possam viver sem discriminação de nenhum tipo, e no respeito às diferenças entre sexos.

Na Rede Mulher de Educação, desde o início da década de 80 procuramos trabalhar não sobre "a mulher" como um problema, mas sobre as Relações sociais de Gênero que, ao longo de milênios tem sido desiguais e em detrimento das mulheres. Neste sentido, os escritos de Paulo Freire foram por nós utilizados para levantar esta contradição fundamental no trabalho de educação popular. Foi mais fácil iniciar o trabalho com grupos de mulheres para , posteriormente, levantar esta questão social de maneira mais abrangente nos vários setores sociais.

Era difícil, no início, romper com a dificuldade ocasionada por uma prática educativa de fragmentação e dicotomia que tem marcado nossa formação, inclusive de educadores . Hoje se consegue perceber que a aprendizagem de novas relações sociais de gênero constitui um dos eixos fundamentais para a mudança das várias relações que marcam nossa vida em sociedade.

A segunda intervenção de Paulo Freire à qual quero referir-me foi durante a Jornada Internacional de Educação Ambiental realizada no Rio de Janeiro durante a ECO 92. "Sem homem e mulher, o verde não tem cor", disse ele ao concluir sua mensagem.

Esta frase resume um segundo momento da Educação Popular. Estamos frente a uma nova conjuntura Mundial. O cerne de nossas conversas em educação popular é a aprendizagem para o exercício da cidadania, local e planetária. E nesta aprendizagem, que tem como finalidade um planeta saudável, é evidente a necessidade de se trabalhar as relações entre homens e mulheres interligadas com a questão ambiental. A natureza e as mulheres, na sua condição de reprodutoras da vida, te sido particularmente usadas pelo sistema tecnopatriarcal como objetos de mercado. Modificar as condições de vida das mulheres, recuperar e tornar visível sua proximidade da vida constituem formas concretas de modificar a relação da humanidade com a natureza.

Em última instância, são as relações de equilíbrio e de harmonia entre homens e mulheres que dão cor ao verde, porque levam a pensar de maneira harmônica e equilibrada a relação entre a produção de bens e a reprodução da vida. Com esta visão de mundo vale a pena desenvolver uma "pedagogia da esperança".

\*\*\*\*\*

MOEMA L. VIEZZER, socióloga, escritora, educadora, é presidente fundadora da Rede Mulher de Educação com sede em São Paulo. Internacionalmente conhecida por sua atuação no movimento de mulheres, tem se dedicado ao aprofundamento de uma metodologia de educação popular feminista, que inclui a conexão existente entre novas relações de gênero e novas relações da humanidade com a natureza. Na Rio 92 coordenou a Jornada Internacional de Educação Ambiental e foi facilitadora do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global.